



QUANDO O BRINCAR ENSINA: caminhos para uma educação que não castiga

Nicole S. FONTES¹; Eliane G. da SILVA²

RESUMO

Conforme estudos sistemáticos e experiência vivenciada na prática, nota-se que o ensino através do brincar sem um controle de castigo, é muito mais eficaz para a aprendizagem. Nesse sentido, de acordo com, Vygotsky (1998) destaca que, na brincadeira, a criança cria um mundo imaginário onde se desenvolve aprendizagens e relações sociais essenciais. Sob essa ótica, este trabalho relata a experiência vivenciada na instituição FAM (Frente de apoio ao menor), em Muzambinho – MG, onde, acadêmicos de Educação Física, realizaram atividades lúdicas que privilegiaram o corpo em movimento, a escuta e o afeto, sem recorrer a práticas punitivas. Durante as intervenções, observou-se que, ao valorizar a ludicidade, foi possível criar um ambiente acolhedor, no qual as crianças participaram ativamente e expressaram suas emoções de forma espontânea. As práticas pedagógicas possibilitaram aprendizagens significativas e fortaleceram vínculos sociais, evidenciando que é possível ensinar respeitando a essência infantil.

Palavras-chave:

Ludicidade; Vínculo; Educação Humanizada; Afeto.

1. INTRODUÇÃO

O brincar é o modo mais genuíno de ser criança. É por meio do brincar que as crianças se envolvem, se emocionam e constroem relações significativas com outras crianças (KISHIMOTO, 2008). Para a autora, a brincadeira não é apenas um momento de lazer ou distração, mas constitui uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois permite que as crianças experimentem, simbolizem, criem e se expressem de maneira integral. Essa integralidade está diretamente ligada à compreensão da criança como corpo-movimento (Gomes-da-Silva, 2007; KUNZ), ou seja, um corpo vívido, que sente, age, interage, comunica, experimenta e aprende a partir da ação. Conforme esses autores, esse é o jeito próprio de ser criança.

Contudo, os ambientes institucionais educativos, com frequência, impõem limites rígidos aos corpos infantis, restringindo seus movimentos, inibindo suas expressões mais autênticas e negligenciando dimensões essenciais do desenvolvimento, como os sentimentos e as emoções. Em muitas situações, especialmente no atendimento a crianças em contextos de vulnerabilidade social, as instituições educativas mais castigam do que educam, crianças que, muitas vezes, já são social e afetivamente castigadas por suas condições de vida.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos estudantes do curso de Educação Física na instituição FAM – Frente de Apoio ao Menor, destacando como o brincar pode se constituir como um caminho de ensino-aprendizagem

¹ Discente do curso de Educação Física - Bacharelado. IFSULDEMINAS – *Campus Muzambinho*. E-mail: nicolesoaresfontes@gmail.com

² Orientadora, IFSULDEMINAS – *Campus Muzambinho*. E-mail: eliane.gomes@muz.ifsuldeminas.edu.br

que respeita a essência infantil e dispensa o uso de castigos. A partir do brincar como eixo metodológico e como linguagem própria da infância, buscamos construir práticas pedagógicas que valorizem o corpo em movimento, o afeto e a escuta, promovendo um ambiente educativo mais sensível, acolhedor e respeitoso com as crianças.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada neste trabalho baseia-se em um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir da vivência de acadêmicos do curso de Educação Física durante a disciplina “Práticas Infantis”, realizada na instituição FAM – Frente de Apoio ao Menor, no município de Muzambinho – MG.

As intervenções ocorreram semanalmente, ao longo de 1 semestre (6 meses), sempre às quartas-feiras, com turmas compostas por aproximadamente de 20 a 30 crianças, com idades entre 5 e 13 anos, atendidas pela instituição em período contraturno escolar.

As atividades foram planejadas coletivamente pelos acadêmicos do curso de Educação Física, sob supervisão da professora responsável pela disciplina “Práticas Infantis”. Os planos de aula foram elaborados com base em três eixos principais: ludicidade, corpo em movimento e escuta sensível.

Foram utilizados diversos materiais acessíveis e lúdicos, como bolas, cordas, bambolês e também a própria fala dos educadores, considerada o principal instrumento de condução, vínculo e motivação durante as atividades. As práticas incluíram brincadeiras tradicionais, jogos cooperativos, vivências de badminton e práticas circenses, sempre adaptadas às necessidades do grupo.

O processo de observação direta foi utilizado como forma de acompanhamento e avaliação qualitativa das atividades, permitindo identificar o envolvimento, o comportamento e a interação das crianças ao longo das aulas.

Ressalta-se que o projeto teve caráter exclusivamente pedagógico e formativo, sem coleta de dados individuais ou exposição de informações pessoais das crianças, não apresentando riscos éticos à integridade dos participantes.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência vivenciada na instituição FAM (Frente de Apoio ao Menor), em Muzambinho – MG, foi inicialmente marcada por insegurança. A proposta de atuar diretamente com um grande número de crianças em situação de vulnerabilidade social, especialmente afetiva, causou receio, considerando a complexidade de manejar turmas com diferentes personalidades, níveis de energia e necessidades emocionais. No entanto, com o passar das semanas e por meio da prática constante, esse desafio transformou-se em uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Com o tempo, a presença dos acadêmicos passou a ser aguardada com entusiasmo pelas

crianças. A construção do vínculo afetivo foi perceptível: os alunos começaram a demonstrar confiança e participação ativa. Essa aproximação só foi possível porque, ao invés de nos posicionarmos como figuras de autoridade rígida, nos apresentamos como adultos dispostos a brincar, escutar e acolher. Uma das falas mais marcantes de uma das crianças foi: *“Vocês são adultos, mas parecem crianças”*, o que evidenciou o sucesso da proposta pedagógica baseada, no respeito mútuo e na valorização da ludicidade.

Nesse sentido, ao notar sinais de desinteresse ou exclusão, buscávamos compreender e propor mudanças que assegurassem a participação e o bem-estar de todas as crianças. Sob esse viés, segundo Vygotsky (1998), é na brincadeira que a criança cria um mundo imaginário, regula suas emoções, testa limites e se apropria de papéis sociais. Nesse quadrante, ao brincar, ela aprende não apenas conteúdos, mas formas de se relacionar com o mundo. Kishimoto (2008), reforça que a ludicidade é parte integrante do desenvolvimento infantil e deve ser reconhecida como prática educativa legítima.

Além disso, como destaca Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Esse pensamento foi vivenciado na prática, pois as crianças aprenderam por meio da experimentação, da interação com os colegas e da liberdade de serem quem são. Ao final da experiência, não apenas as crianças foram transformadas: os próprios acadêmicos se reconheceram mais sensíveis, reflexivos e comprometidos com uma educação humanizada.

Essa vivência permitiu reconhecer que a atuação com o público infantil exige mais do que domínio técnico; exige escuta, empatia e disponibilidade para se afetar. O contato com as crianças da FAM despertou na autora um olhar mais atento para a educação infantil e para o valor da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

5. CONCLUSÃO

A experiência vivenciada na instituição FAM permitiu uma imersão profunda em práticas pedagógicas fundamentadas na ludicidade, no afeto e na escuta sensível. A convivência com crianças em situação de vulnerabilidade social revelou que é possível ensinar sem recorrer a métodos punitivos, criando um ambiente acolhedor e respeitoso, onde o brincar é o principal mediador do aprendizado.

Ao longo das intervenções, tornou-se evidente que a ludicidade, quando aliada ao olhar atento, promove não apenas o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, mas também fortalece vínculos afetivos e sociais, gerando pertencimento e confiança.

Além dos ganhos observados nas crianças, a atuação dos acadêmicos também foi marcada por importantes transformações. A vivência despertou um novo olhar sobre a docência na Educação Infantil. Como destaca Freire (1996), ensinar é um ato de amor e de humildade, que implica

reconhecer no outro um ser em construção.

Por fim, a experiência reafirmou a importância do papel social e evidenciou que a formação docente vai além dos conteúdos técnicos: ela se constrói na relação com o outro, na escuta, na prática e, sobretudo, na capacidade de acolher e transformar. Mais do que ensinar, aprendemos com as crianças — e é essa troca que torna a educação verdadeiramente significativa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à instituição FAM, por acolher essa proposta com tanta generosidade e confiança, possibilitando uma experiência formativa única. Estendo minha gratidão à professora Eliane Gomes da Silva, por sua orientação sensível e inspiradora ao longo de toda a disciplina. Por fim, agradeço especialmente às crianças, que, com sua espontaneidade e afeto, me ensinaram muito mais do que palavras podem expressar.

REFERÊNCIAS

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/proex/contents/documentos/politica-nacional-de-extensao>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5086865/mod_resource/content/1/Freire_Pedagogia_da_Autonomia.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

GOMES-DA-SILVA, Márcia Lica. *Corpo e movimento na educação infantil: uma abordagem fenomenológica*. In: GOMES-DA-SILVA, M. L.; CASTRO, A. D. (Org.). *Psicomotricidade e educação infantil: corpo, movimento e ação pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/228158899-Corpo-e-movimento-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 31 jul. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4746335/mod_resource/content/1/KISHIMOTO_Brincar_e_suas_teorias.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5087266/mod_resource/content/1/Vygotsky_A_formacao_social_da_mente.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5087266/mod_resource/content/1/Vygotsky_A_formacao_social_da_mente.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.